

Agora ele tinha sob seu comando um exército de 10 mil pele-verde fanáticos e mais 300 caçadores de orcos que pareciam ter surgido do nada. — Orcs se reúnem para a guerra... — a frase ecoou na mente de Taylor. Todos aqueles olhares fixos nele — dez mil pares de olhos — faziam sua pele formigar, como se finas agulhas o espetassem. Sua fama aparentemente estava rendendo frutos, mesmo que ele não tivesse feito nada para merecê-la. Aquele bando de pele-verde era provavelmente formado por tribos menores das terras desoladas ao redor, atraídas pelos rumores de guerra e pelas histórias sobre Taylor e os "latas podres". Depois, foram convencidos pelos orcs que já serviam sob seu comando e acabaram se juntando à tribo recém-formada... Já os caçadores de orcos estavam ali para observar a intensidade dos combates. Quando Taylor entrou no salão principal do acampamento, eles gritaram animados: — CHEFE WAAGH! CHEFE WAAGH! Com uma expressão totalmente confusa, Taylor olhou para seus "rapazes". Parecia que ele havia sido empurrado para um cargo... bem inesperado. Capítulo 69: Eu, Senhor da Guerra (Parte 3) Taylor nunca imaginaria que a sala de reuniões do 36º Regimento de Scaldi um dia estaria lotada de orcs. Ele olhou para seus subordinados com resignação — a inquisidora, junto de vários chefes orcs, todos sentados juntos. — Ahem... — Taylor limpou a garganta. — Pessoal, vamos começar o planejamento estratégico. Precisamos evitar distrações, então gostaria que todos os não envolvidos se retirassem. Ele mirava principalmente os orcs, mas, para sua surpresa, até a inquisidora entendeu a mensagem e acenou com a cabeça, levando consigo a multidão de curiosos — incluindo os membros do 15º esquadrão. No final, só restaram dentro da tenda três chefes orcs cujos bíceps eram maiores que a cabeça de Taylor. Era fácil ver que eram veteranos de batalha, com habilidades e ferocidade impressionantes, cada um com suas próprias táticas brutais. Taylor, com a cara pálida como um cadáver, encarou o mapa tático e os três brutos de quase três metros de altura à sua frente. Ele engoliu seco. Vendo o silêncio do "chefe", um orc da tribo Morte de Caveira bateu no peito com a mão mecânica: — Relaxa, chefe! A gente tá bem equipado! Ele exibia um sorriso largo, vestindo uma túnica vermelha que parecia copiada dos Adeptus Mechanicus — junto com um terceiro braço mecânico e um olho artificial. — Não se preocupa não! A gente pode atacar quando você quiser! — berrou. Outro chefe, da tribo Goff, retrucou: — Nada disso! O chefe tá preocupado é com a habilidade dos moleques! Eles são burros demais pra segurar uma arma direito! Ele parecia um pirata, com um gancho mecânico no lugar da mão direita e um chapéu enorme. Era o maior dos três. Taylor já imaginava: se ele morresse, aquele seria o próximo Senhor da Guerra. Já o chefe dos Evil Sunz, adornado com ouro e dentes, resmungou: — A gente tá sem dinheiro! Os Space Maters mataram muitos orcs, e agora não dá pra trazer mais sucuta. Os três começaram a discutir, cada um gritando sua prioridade: — Treinamento! — Logística! — Dinheiro! Foi quando um dos caçadores de orcos abriu a tenda de golpe e berrou: — Ataque! Precisamos é de um ataque, seus animais! Taylor olhou para o homem, surpreso. Sua chegada transformou o clima na tenda em algo ainda mais tenso. Os chefes orcs rosnaram: — Quem é você?! — Humano?! Taylor observou sua patente — Capitão, praticamente o posto máximo entre os caçadores de orcos. Seu corpo estava marcado por cicatrizes, e ele usava um colar feito de ossos de orcs. Na cintura, uma enorme pistola O caçador de orcs sorriu. — Parece que você não está completamente por fora. Aquele lugar foi onde os Astartes do Caos foram derrotados pelos Cavaleiros Cinzentos durante a Primeira Guerra de Armageddon. Um grande demônio foi banido para a realidade ali. Taylor perguntou rapidamente: — O nome desse demônio era Angron? O caçador de orcs balançou a cabeça, incerto. — Só sei que o folclore local fala de um demônio vermelho gigante que caiu do céu. Essas histórias viraram quase lendas por lá. O rosto de Taylor ficou pálido. Angron era um Primarca Demoníaco. Se os Astartes do Caos estavam tentando libertar seu mestre, seu próprio "pai", então tudo fazia sentido. Mas... ele enfrentaria Angron?! O caçador de orcs viu a expressão de Taylor mudar e acrescentou: — Por isso precisamos atacar, impedir o ritual deles. Os orcs concordaram, balançando as cabeças verdes. — É isso, chefe! O magricela tá certo! — Demônio, Caos... não pode deixar existir! — Nós também achamos... Taylor os interrompeu abruptamente. — Parem de me chamar de "magricela"! Humanos isso, magricela aquilo... Eu sou humano, caramba! Ele esfregou as têmporas, resmungando. Os chefes orcs pareciam só agora perceber algo. O chefe deles era... um humano?! Ele não era um oficial do Clã

Machado de Sangue? Os orks esfregaram os olhos, observando melhor. O jovem realmente não parecia muito... verde. Mas deixa pra lá. Contanto que tivesse uma boa WAAAGH!, estava tudo bem. O técnico ork falou: — Beleza, chefe magricela! A gente tem um monte de veículo pra usar. Juntei muita sucata! O líder do Clã Lua Má anunciou: — Fiz as contas! Depois dessa briga, os dentes dos latas-podres vão valer uma fortuna! — UHUUUU! O representante do Clã Goff gritou: — GRANDE CHEFE! GRANDE WAAAGH! Taylor olhou para os líderes orks animados, completamente empolgados, e suspirou, dirigindo-se ao único humano ali que podia entendê-lo. — Pelo menos você me entende. O caçador de orks, no entanto, apenas afirmou, solene: — Pelo Grande Gork e Mork... Você só pode ser um Escolhido deles. Taylor deixou escapar outro suspiro. — Tá... Sou, sim... [Nota do Autor: Esse tema é muito nicho, provavelmente não vai ter segunda chance no ranking. Enfim...]

Capítulo 70: Eu, Senhor da Guerra (Parte 4) Uma WAAAGH! colossal se formava em Armageddon — longe de ser a maior da história do planeta, mas ainda assim impressionante. Nesse momento, naves voadoras orks e veículos de guerra avançavam pelas vastas terras áridas de Armageddon. Os orks tinham sorrisos largos, sabendo que seu líder, Taylor, lhes trouxera a melhor alegria possível: Guerra! Dentro da fortaleza de Franzstein, porém, Taylor encarava um "estilista" ork segurando duas criaturas peludas e coloridas. Por quê "criaturas"? Porque eram "Squigs de Cabelo" — um tipo de companheiro biológico dos orks, algo entre animal de estimação e gado. Esses Squigs em particular eram cobertos por pelos brilhantes, com uma pequena boca que grudava no couro cabeludo do hospedeiro, sugando sangue para sobreviver. E esses pelos coloridos? Eram o adorno perfeito para a cabeça careca de um ork. E, portanto, o cabeleireiro ork insistia que Taylor trocasse seu Squig de Cabelo preto e sem graça por um amarelo vibrante, digno de um verdadeiro Senhor da Guerra! Taylor respondeu com uma aula de xingamentos em Gótico, deixando claro que se aquele bicho grudasse nele, ele morria. Quando o cabeleireiro finalmente saiu, a Inquisidora que assistira a cena comentou, divertida: — Parece que você caiu nas graças deles. Taylor olhou para a cerveja de fungos na mesa — uma bebida ork rara, reservada apenas para os Senhores da Guerra. Mais uma prova de que ele realmente "caíra nas graças" deles. Desde sua primeira batalha ao lado dos orks, o destino o prendera a eles. Talvez fosse castigo por matar tantos orks no passado. Mas, para os orks, não era castigo. Era simplesmente o jeito das coisas. Quem matasse chefes suficientes se tornava um chefe. E eles só queriam uma WAAAGH! maior e mais guerras, sem se importar com quem os liderasse. Ele tomou um gole da cerveja. Alguns soldados do Império já haviam experimentado a bebida, saqueada de acampamentos orks derrotados. O sabor era... singular. Levemente amargo, gasoso, com um toque alcóolico, mas ao mesmo tempo umami — como uma sopa gelada de cogumelos com bolhas. Surpreendentemente, não era ruim. Franziu o rosto e resmungou: — Não tive escolha. Acabei nessa posição sem querer. Não fui eu que me tornei um Senhor da Guerra... fui colocado aqui.